

15. 30

Nuno Miguel Proença

Título

A melancolia no tratado IV da Arquipatologia de Filipe Montalto

Resumo

Com o prestígio alcançado pelos seus trabalhos clínico e científico, mas sobretudo por ter curado as perturbações mentais da aia e irmã de leite de Maria de Médicis, o médico português Filipe Montalto foi convidado a deixar Veneza, onde vivia e exercia, já longe da sua cidade natal de Castelo Branco, para se juntar à corte francesa e aí cuidar da Rainha. Em 1614, já em Paris, é publicada a sua monumental *Arquipatologia*, cuja investigação sobre doenças mentais é seguramente a mais exaustiva à época e também uma das mais notáveis desde então. No tratado IV desta obra, especificamente dedicado à definição da melancolia, às suas causas e ao seu tratamento, encontramos um grande número de questões formuladas pela tradição hipocrática e galénica no que respeita à especificidade desta afecção e às ligações que por ela se podem deduzir entre a mente e o corpo, mas também entre a saúde mental e os altos e baixos da condição humana.

Nota curricular

Nuno Miguel Proença é investigador contratado pela NOVA-FCSH, onde é membro do Grupo Pensamento Moderno e Contemporâneo do CHAM. Doutorou-se em Filosofia na EHESS com uma tese sobre Freud, orientada por Fernando Gil (*Qu'est-ce que l'objectivation en psychanalyse?*, L'Harmattan, 2008). De 2008 a 2019 foi pós-doutorando, bolseiro e membro de vários projectos de Investigação financiados pela FCT, tendo ainda sido colaborador regular do Centro Português de Psicanálise (2010-2014) e formador da Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica (2013-2020).

Co-editou, com Adelino Cardoso, o volume de estudos colectivo *Sufrimento, Dor e Saúde Mental na Arquipatologia de Filipe Montalto* (Húmus, 2018) e é autor do livro *Vida, Afectividade e Sentido* (Húmus, 2020).

16. 00

Cláudio Alexandre S. Carvalho

Título

Burton e os modos da observação melancólica

Resumo

O sucesso da *Anatomia da Melancolia*, obra que até à morte de Robert Burton permanecerá em constante crescimento, é indissociável de uma metamorfose no seu tema cardinal. Argumentarei que tal metamorfose depende da recorrente oscilação do primado da “observação da melancolia” –que tem por objecto o desequilíbrio fisiológico nas quantidades e qualidades da bílis negra e as vias médicas de restabelecimento-, para a melancolia como “condição de observação”, concitada primeiramente pela condição biográfica do autor, em grande medida congregada nos traços da melancolia académica [scholar’s melancholy] e no olhar distanciado da Commonwealth, variantes da exclusão descontente consideradas por L. Babb.

Ainda que a relação dialógica com o leitor, inerente ao percurso da *Anatomia*, não seja totalmente abandonada, é uma experiência interior que fornece as imagens e estabelece os objetivos da articulação discursiva. Ao invés da passividade emocional que caracteriza a melancolia mortal, congénita ou adquirida, bem como da categorização prática dessa patologia segundo o discurso médico, essa observação pautada pela melancolia é marcada por uma capacidade de suportar os efeitos imediatos das emoções e ressignifica-las criativamente. É a observação particular proporcionada pela experiência de paixões negativas, pela reflexividade inerente à observação da degeneração e/ou “perda”, que possibilita um exame dos poderes que transcende a destrutividade satírica e a idealidade utópica (patentes no prefácio da *Anatomia*), aproximando-se de uma visão reformadora das instituições primárias da sociedade: medicina, educação, economia e política. Ainda que por vezes essa via conduza aos impasses da auto-indulgência e do ressentimento, tal desvio emocional é a condição de abertura a uma significação mais profunda dos afectos e ao reconhecimento mais

abrangente da dimensão social das paixões. Segundo os pressupostos de autores como W. Lepeyres, tal mediação psíquica e espiritual dos afectos melancólicos permite estender a modos de observação crítica da realidade social. Contudo, a obra de Burton é marcada por um paradoxo recorrente, a supressão da melancolia, enunciada como fim dos diferentes discursos –médico, pedagógico, económico e político-, requer a experiência de observação melancólica.

O valor da observação melancólica ressurgiu em momentos históricos marcados pelo optimismo avassalador -baseado no valor da humanidade (Renascença), na confiança na razão (Iluminismo) ou no(s) fim(s) tecnológico(s) da história-, períodos que geram consistentemente tentativas de suprimir (ou reduzir) a experiência de luto e tristeza. Na *Anatomia*, isto torna-se particularmente interessante se tivermos em mente que Burton aborda as possibilidades e limites das instituições, num momento decisivo da sua diferenciação. Se é certo que o diagrama *Mundus-Annus-Homo* fornece ainda as suas coordenadas e conceitos, Burton participa da revisão dos fundamentos naturais e religiosos que legitimavam aquele horizonte.

Nota curricular

Cláudio Alexandre S. Carvalho é Doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra (2012). Foi Ouvinte Convidado da Humboldt-Universität zu Berlin e Professor Auxiliar Convidado da Universidade da Beira-Interior. Tem dedicado a sua investigação ao estudo das bases comunicativas e estéticas da terapia partindo do horizonte da Teoria dos Sistemas. É membro do Instituto de Filosofia (Universidade do Porto), integrado no RG “Aesthetics, Politics & Knowledge”. Em seu pós-doutoramento explora a “A melancolia e a constituição do *medium* terapêutico”, financiado por uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

16. 30

Debate